

## **A PRÁTICA DE SWORDPLAY NO MUNICÍPIO DE VITÓRIA/ES: ENTRE O CORPO E A DISCIPLINA**

**Lucas Poncio Gonçalves Pereira**

*lponcio95@hotmail.com*

**Ivan Marcelo Gomes**

*ivanmgomes@hotmail.com*

**Universidade Federal do Espírito Santo**

### **RESUMO**

O principal objetivo deste texto é discutir as formas de educação do corpo presentes na prática de swordplay em um espaço público na cidade de Vitória/ES. A pesquisa etnográfica, utilizou como instrumento de investigação a observação, diário de campo e entrevistas. Os dados da pesquisa permitiram compreender a existência de um grande interesse pelo corpo em meio a sistematização do grupo investigado tanto nas atividades de enrijecimento corporal, como nas práticas punitivas disciplinares.

### **PALAVRAS-CHAVE**

*Corpo; Swordplay; Disciplina; Espaços públicos.*

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Este texto é um recorte do Relatório Final de Iniciação Científica/ UFES intitulado: "A educação do corpo e saúde: os usos do espaço público na prática de *swordplay* na cidade de Vitória/ES" e apresenta uma articulação entre os usos de um espaço público (Parque Municipal Pedra da Cebola, Vitória/ES) por praticantes de um jogo denominado *swordplay* e suas consequentes formas de educação do corpo, que mesclam um discurso em torno da saúde, do prazer e da disciplina.

É indiscutível que a preocupação com estilos de vida saudáveis tem ganhado cada vez mais atenção na atualidade. Tais aspectos estão estruturados a partir de uma série de discursos que articulam, em torno da responsabilização individual, noções de estética (corpo), saúde e qualidade de vida (SILVA, 2001). Isso faz parte do processo de individualização característico da modernidade iniciado em meados do século XVIII, como atestam as diferentes preocupações no trato corporal, e torna-se ampliado atualmente visto a responsabilização do indivíduo sobre a defesa e beleza do seu corpo (BAUMAN, 2001).

Entendemos que essa temática circunda as diferentes estratégias na atualidade relacionadas ao cultivo do corpo saudável. Variadas são as preocupações, como também distintos são os espaços nos quais elas transitam, como é o caso da prática corporal (*swordplay*) investigada nesse estudo.

*Swordplay* é o nome dado a uma prática, recente no Brasil, na qual os participantes simulam batalhas ou duelos de inspiração medieval, munidos com equipamentos que imitam armas brancas e escudos. Essas armas são conhecidas como boffers (do inglês boffer, "arma de espuma") e são confeccionadas a partir de canos de PVC, espumas EVA, papelões, etc. Os usos desses materiais, na fabricação das armas, visam principalmente à redução de possíveis danos causados aos praticantes. Além disso, internamente entre os



grupos praticantes<sup>1</sup>, códigos de conduta ou regras mais específicas são criadas com o objetivo de reforçar o mesmo sistema de segurança instituído na confecção dos instrumentos de combate, e também, garantir uma espécie de postura disciplinar durante os treinos ou vivências.

Em meio a essas particularidades, observamos um grande interesse pelo corpo, identificado nas atividades que visam o enrijecimento corporal ou nas práticas de punições físicas (realização de exercícios físicos) no caso descumprimento ou quebra das regras do grupo.

Com o enfoque na sistematização das atividades e dos códigos de conduta relacionados ao corpo, esse texto tem como objetivo refletir/compreender acerca dos mecanismos e discursos que sustentam as ações das punições físicas e de fortalecimento corporal durante os encontros do grupo investigado.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, este estudo partiu de uma abordagem qualitativa. Dirigimos nossa atenção para as questões particulares dessa cultura – a prática de *swordplay* – analisando as relações que perpassam os sentidos e significados atribuídos pelos próprios praticantes em seus contextos particulares.

Nesse sentido, optamos pela realização de um trabalho de campo, utilizando estratégias identificadas como estudos etnográficos (ATKINSON, 2015) como possibilidade de interpretar aquela realidade. Os principais instrumentos utilizados na investigação foram: as observações participantes (transcritas em um diário de campo); registros em fotos; e as entrevistas semiestruturadas. O período de observação estendeu-se de outubro de 2017 a junho de 2018. Em relação as entrevistas foram convidados 10 integrantes<sup>2</sup> do grupo. O critério de participação foi estabelecido de acordo com o número de frequência que os integrantes apresentaram durante nossas visitas.

Após o trabalho no campo, estratégia seguida foi a de análise dos dados, interpretadas a partir da Lawrence Bardin (2011), levando em consideração os objetivos do trabalho e acontecimentos mais enfatizados nas entrevistas e no decorrer das observações (relatos do diário de campo).

A seguir, apresentaremos uma breve caracterização do grupo e suas decorrentes sistemizações no que se refere a educação do corpo.

## CLÃ AESIR E A EDUCAÇÃO DO CORPO: ENTRE A PRÁTICA E SEUS CÓDIGOS DE CONDUTA

O clã *Aesir*<sup>3</sup> é considerado por seus membros como um dos principais representantes do *swordplay* no Espírito Santo e atualmente conta com uma média de 15 participantes assíduos. O grupo mantém no mínimo um encontro semanal por semana, denominado de “treino” e ocorre em uma tenda coberta localizada no interior do Parque Municipal Pedra da Cebola. As atividades propostas são abertas ao público ou aos interessados na prática e os iniciantes são recebidos e orientados por integrantes mais experientes. Essas atividades – baseadas no treinamento constante, aperfeiçoamento, simulações e vivências de combate – complementam-se com a busca de informações (reais e fictícias) sobre a história/cultura medieval e conhecimentos técnicos da esgrima medieval.

Nossas observações no campo possibilitaram classificar os treinos em dois formatos. O primeiro baseado em uma metodologia técnica para o combate e o segundo relacionado a uma prática mais lúdica e descontraída. Nos treinos técnicos vivenciamos/experimentamos movimentos de ataque e defesa; exercícios de empunhadura e corte com as armas; avanços e esquivas; duelos e pequenas batalhas; além

1 No *swordplay*, cada grupo se autodenomina “clã” e possuem brasões identificativos próprios.

2 Seguindo as normas éticas de pesquisa optamos por não revelar os verdadeiros nomes dos participantes, substituindo-os por nomes fictícios.

3 A escolha do nome para o grupo tem uma estrita relação com o gosto pela cultura Viking por parte dos fundadores. *Aesir* é um termo presente na mitologia nórdica e designa o panteão (agrupamento) dos Deuses da Guerra.



de todas atividades relacionadas ao fortalecimento muscular. Os treinos lúdicos são baseados nos jogos e brincadeiras populares (Ex: pique ajuda ou pique bandeira) e em sua organização não perdem o combate de vista. Vale ressaltar que esses treinamentos são planejados pelos próprios membros do clã, em específico, pelos membros mais antigos (coordenadores). No diário de campo do dia 04 de março de 2018, um dos coordenadores justificou a escolha dessa sistematização durante os treinos, explicando:

Serve para aprimorar a técnica de combate real, por que quando marcamos um duelo contra outro clã, as pessoas ficam com medo ou não conseguem ser eficientes no objetivo final, assim, eles conseguem ir se acostumando com a batalha e melhoram de acordo com as suas necessidades. (Diário de Campo, 04. Março de 2018)

Além dos aspectos já mencionados, identificamos no cotidiano do grupo algumas peculiaridades em relação as suas regras e seus códigos de conduta, tendo em vista as suas proibições, e respectivamente, suas punições, as quais apresentam um certo interesse pelo corpo. Essas regras, segundo informou um dos membros do clã, “[...] servem mais para evitar acidentes, e também para que a pessoa saiba o que é certo e errado no meio do combate, tipo para ter uma disciplina.” (Loki, jun. 2018).

Entre as regras e os códigos de conduta, diferentes imposições são feitas aos membros do clã (sem exceções). Elas podem ser entendidas tanto em termos de (1) respeito aos membros mais antigos, (2) cuidados com os instrumentos de combate; quanto em termos de (3) cuidados com a integridade física dos companheiros/companheiras e (4) respeito a boa conduta do grupo (no sentido de fazer apenas aquilo que foi ensinado). Como salientado anteriormente, as objeções as regras ou aos códigos do clã são materializadas na forma de punições físicas e/ou verbais.

Nosso foco volta-se para o entendimento das punições em seu caráter físico. O diálogo com o corpo ganha mais sentido quando abordamos a execução ou o cumprimento dessas punições, considerando sua estrita relação com a prática de exercícios físicos, através dos movimentos de flexão, abdominais, polichinelos, etc. Dentro desse entendimento e considerando a centralidade que o corpo apresenta nesse estudo, torna-se fundamental pensar a cerca de uma questão: As punições, quando impostas em suas especificidades corporais, manifestam um desejo de educação nos corpos dos praticantes?

Segundo Vaz (2002) a educação do corpo não pode ser entendida como um componente exclusivo da instituição escolar. Ele afirma que o corpo é educado em diferentes *ambientes educacionais* presentes em nossa sociedade, como por exemplo: “[...] os hospitais, as penitenciárias, os asilos psiquiátricos, as instituições juvenis “corretivas”, as academias de ginástica, etc, nas quais se pode identificar, com maior ou menos precisão, um conjunto de *pedagogias*. (VAZ, p. 01, 2002).

Esses esforços pedagógicos contemporâneos apresentam em suas sistematizações o desejo de controle e disciplinamento dos corpos, revelando-se por meio de sua “cientificidade” e também pelos mecanismos/programas que oferecem padrões a serem seguidos, além de oferecerem “verdades” e discursos normatizadores (BAUMAN, 2001).

No contexto da investigação, observamos um discurso de controle e disciplina provenientes da organização interna do clã, especificamente, nas intenções dos códigos de conduta. Esse discurso pode ser ilustrado no relato de entrevista a seguir:

O descumprimento das regras tem diferentes escalas, vigente a quantas as vezes a pessoa foi notificada ou não, se é alguma coisa muito grave ou ilógica, por que já tivemos alguns ferimentos aqui que não deviam acontecer mas acabaram acontecendo e houve punições mesmo assim. Assim, a gente acompanha essas pessoas, não é só simplesmente punir, mas para que haja uma noção de responsabilidade, para que haja uma disciplina (Tyr, jul. 2018).



Aprofundando nossa discussão, nos interessava entender o surgimento ou as derivações de tais práticas punitivas. Entre as respostas, foi recorrente a afirmação de que a sistematização dessas ações se baseavam nas metodologias encontradas nas artes marciais (pelo fato de alguns membros praticarem outras práticas corporais de combate) e nas instituições militares (pelo conhecimento empírico dos membros mais antigos). Esses aspectos foram sinalizados da seguinte forma: “Eu enxergo mais como uma forma militar de você punir e ao mesmo tempo fortalecer o seu discípulo, aderindo às punições você consegue criar uma disciplina e vai tornando as pessoas mais fortes” (Njord, jul. 2018); “Alguns dos membros já fizeram artes marciais quando eram mais novos, um já fez Kendo, outro dez outras coisas. Então cada um vai passando um pouco da experiência, sempre tem uma troca” (Frigga, maio. 2018).

Atento aos relatos dois aspectos evidenciaram-se: o primeiro referente à ideia de que o *swordplay* no clã *Aesir* recebeu diferentes influências para criar sua própria identidade, ou seja, de acordo com a chegada de novos membros e suas experiências novas culturas foram sendo introduzidas no grupo, formando seus sistemas internos e conferindo as suas particularidades. Já o segundo refere-se ao que entendemos por *punir para fortalecer*, apresentando uma relação com a ideologia militar no que tange ao tratamento corporal. Nessa perspectiva, a instituição militar pode ser interpretada como um *lócus* de ações internas que visam adestrar corpos fortes, formar indivíduos obedientes e competentes, pautando-se em uma disciplina corporal relacionada à eficiência (FOUCALT, 1987).

É importante salientar que o tratamento corporal observado durante a investigação não apresenta em sua realização imposições severas e humilhantes aos praticantes. A disciplina, nesse caso, não pode ser confundida com a opressão, pois, enquanto na opressão o corpo é destinado à destruição, na disciplina o corpo é adestrado, dominado, aproveitado ao máximo, tudo para torna-lo economicamente produtivo (FOUCALT, 1987).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a interpretação dos dados produzidos no campo de pesquisa, foi possível identificar que o grupo apresenta em seus aspectos de relacionamento uma valorização pelo “treinar junto” ou “fazer junto” e, ao mesmo tempo em que organizam suas regras e seus códigos de conduta sob a ótica do controle e da disciplina, contribuem para uma educação do corpo reduzida a obediência e adestramento (através das punições físicas!) legitimando o discurso de punir para fortalecer, presente em diferentes instituições disciplinares modernas.

No entanto, compreendemos que a organização microssocial do grupo relaciona-se tanto com os aspectos de interação entre os membros, quanto ao respeito das regras impostas. Os valores são mantidos pelo grupo a partir dos sentidos construídos ao longo de suas experiências, vivências e compartilhamentos. Isso pode ser observado na relação de companheirismo e respeito entre os membros, mesmo quando imposições ao corpo são feitas.



**THE SWORDPLAY PRACTICE IN VITÓRIA/ES: BETWEEN THE BODY AND THE DISCIPLINE**  
**LA PRÁCTICA DE SWORDPLAY EN VITÓRIA/ES: ENTRE EL CUERPO Y LA DISCIPLINA**

**REFERÊNCIAS**

- ATKINSON, M. O empírico contra-ataca: fazendo etnografia realista. In: GOMES, I.M.; FRAGA, A.B.; CARVALHO, Y.M. *Práticas corporais no campo da saúde: uma política em formação*. Porto Alegre: Rede Unida, p.211-254. 2015.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70. 2011.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- FOCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SILVA, A.M. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.
- VAZ, A.F. Aspectos, contradições e mal-entendidos da educação do corpo e a infância. *Motrivivência*. Florianópolis, v.13, n.19, p. 7-11, 2002.

